

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO

Submetido em: 30/10/2025

Aceito em: 28/11/2025

Publicado em: 24/3/2026

Isabela Corrêa Borges¹, Ana Amélia Cardoso²
Rafael Coelho Magalhães³, Adriana de França Drummond⁴

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17509>

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é marcado por dificuldades na comunicação e interação social que impactam no cotidiano das pessoas. O objetivo deste estudo qualitativo e transversal é compreender as perspectivas ocupacionais dos jovens com TEA concluintes do ensino médio. Os participantes foram cinco jovens, entre 16 e 18 anos, de diferentes níveis socioeconômicos, residentes em cidades da região Sudeste do

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação. Belo Horizonte/MG, Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-1329-4529>

² Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional. Belo Horizonte/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4874-1743>

³ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional / Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação. Belo Horizonte/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8960-2256>

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional / Programa de Pós-graduação em Estudos da Ocupação. Belo Horizonte/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1156-5050>

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em formato online tratadas com a análise de conteúdo. Do contato inicial com os participantes até a realização das entrevistas, transcorreram-se, em média, 45 dias, com afastamentos, momentos de dúvidas por parte deles, sendo necessária a presença da mãe como mediadora e conforto/segurança para ingresso e ou permanência nas entrevistas. Os/as participantes apresentaram perspectivas ocupacionais semelhantes aos jovens com desenvolvimento neurotípico de mesmo nível sócio-econômico, aspirando o ingresso no ensino superior e no mercado de trabalho, com dúvidas em relação à escolha dos cursos universitários. Sobre os relacionamentos amorosos, os jovens apresentaram incertezas e despreparo para habilidades relacionais, dificultando a vivência imediata e projetando-as para o futuro. Os estudantes com TEA que conseguem alcançar o ensino médio se encaixam no perfil de menor demanda de suporte e apresentam, cognitivamente, condições de projetar a continuidade de estudos e inserção no trabalho. No entanto, apresentam dificuldades relacionais que dificultam ou impedem a entrada e a permanência em relações, seja em entrevistas, seja em experiências amorosas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Perspectivas Ocupacionais. Jovens. Ensino Médio.

**OCCUPATIONAL PERSPECTIVES OF HIGH SCHOOL GRADUATES
WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER**

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is marked by difficulties in communication and social interaction that impact the individual's functionality. Little has been explored about the occupational perspectives of people with ASD regarding their future. The objective of this study is to understand the occupational perspectives of young people with ASD who have completed or completed high school a year ago. This is a cross-sectional qualitative study, with five young participants, between 16 and 18 years old, 3 males and 2 females, with socioeconomic levels B and C, from different cities in the Southeast region of Brazil. Semi-structured interviews were carried out in an online format treated with content analysis. The study was submitted to and approved by the Human Research Ethics

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Committee. The participants presented occupational perspectives of work and study similar to young people with neurotypical development, in which they aspire to enter higher education and the job market, marked by doubts regarding university courses. From access to young people with ASD to carrying out the interviews, an average of 45 days passed, requiring the presence of the mother as a mediator for participants to enter and/or remain in the research. The presence of the mothers served as comfort and security for the participants, since the researcher was an unknown figure to them. In relation to romantic relationships, young people were uncertain and unprepared for relational skills, making it difficult to immediately experience and project a relationship. Students with ASD who manage to reach high school fit the profile of lower demand for support and are cognitively able to plan the continuation of studies and insertion into work. However, they present relational difficulties that hinder or impede contact with the researcher or romantic experiences.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Occupational Perspectives. Young people. High school.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) se caracteriza por padrões restritos e repetitivos de movimentos e comportamentos, déficits na comunicação e interação social que se iniciam na primeira infância, mas podem ser identificados posteriormente, de acordo com as demandas de socialização (CID, 2019). Os sintomas do TEA afetam a funcionalidade do indivíduo no contexto familiar, escolar, social e nos demais em que estiver inserido (CID, 2019; DSM V, 2014).

Estima-se que, nos Estados Unidos, 1 a cada 31 crianças com oito anos foram diagnosticadas com TEA, mostrando um aumento na prevalência dessa condição de saúde, uma vez que em 2018, o número estimado era de 1 a cada 44 crianças (CDC, 2025). As pesquisas brasileiras de prevalência de TEA são regionalizadas, o que dificulta a generalização dos dados. Em função disso, alguns estudos, como o de Freitas e Nogueira (2023), utilizam as estimativas mais recentes apuradas pela Organização Pan-Americana

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

de Saúde/Organização Mundial de Saúde (2023) que preveem a proporção de 1 a cada 160 crianças com diagnóstico de TEA.

Especificamente sobre a educação no Brasil, existem políticas públicas que determinam a oferta de ensinamentos inclusivos adaptados às pessoas com deficiência nas escolas. A Lei nº 12.764, de dezembro de 2012, garante o acesso da pessoa com TEA à educação e ao ensino profissionalizante. Em 2013, foi implementada a Lei nº 12.796, a qual prevê que as pessoas com transtornos globais do desenvolvimento têm direito ao atendimento educacional especializado de forma gratuita.

Segundo o Ministério da Educação (2008), o atendimento educacional especializado (AEE) tem como objetivo produzir recursos pedagógicos que minimizem as barreiras para a aprendizagem escolar do indivíduo com deficiência. Contudo, somente em julho de 2015 foi implementada a Lei nº 13.146 que prevê educação inclusiva em escolas ao longo da vida da pessoa com deficiência.

Estudos vêm discutindo as perspectivas dos pais e cuidadores sobre a escolarização de crianças e jovens com TEA. No estudo de Rosa, Matsakura e Squassoni (2019), participaram 67 familiares de diferentes regiões do Brasil. Aponta-se que a maioria das pessoas com TEA concluíram apenas o ensino infantil e poucas chegaram ao ensino superior. Os participantes relataram dificuldades na permanência dos jovens com TEA na escola devido ao preconceito e despreparo dos profissionais. Os familiares apresentam, como demanda para a vida adulta dos jovens com TEA, acompanhamento com equipes multidisciplinares, atividades profissionalizantes e atividades de lazer.

Olivati e Leite (2019) entrevistaram um grupo de jovens universitários com TEA sobre suas experiências acadêmicas. No ensino básico, essas experiências foram marcadas por notas boas, dificuldades na interação social e de manter-se concentrado e presença de *bullying*. Nas universidades, esses jovens enfrentaram despreparo e barreiras atitudinais dos professores, além de falta de informações acerca do TEA pelos funcionários. Aguilar e Rauli (2020) também investigaram o desempenho escolar de universitários com TEA, apontando os desafios enfrentados por eles para se manterem em uma instituição de ensino superior.

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

Já no mercado de trabalho, as pessoas com TEA apresentam dificuldades para inserção e manutenção, decorrentes da competitividade, da dificuldade em socialização e de atendimento aos comandos hierárquicos (Waisman-Nitzan, Gal, Schreuer, 2021; Baldwin, Costley, Warren, 2014). No Distrito de Minnesota, por exemplo, a procura por mão-de-obra especializada com formação no ensino superior está alta, o que dificulta o acesso das pessoas com TEA ao trabalho (Rast, Roux, Shattuck, 2019). Aydos (2016) apresentou um relato de caso de jovem com TEA que vivenciou dificuldades em sua inserção em um estágio supervisionado e a evolução que o indivíduo apresentou à medida que se adaptou com a rotina de trabalho, hierarquias e processos do serviço.

A permanência nos anos finais do ensino médio para as pessoas com TEA vem sendo pouco discutida nas políticas. Apesar da Lei 13.146 que garante o direito e o acesso à educação e da Portaria 243, de abril de 2016, que estabelece critérios de avaliação das instituições de ensino que atendem às pessoas com deficiência, não há indicações em como promover continuidade desse público nas redes de ensino. Aguilar e Rauli (2020) mostraram que a dificuldade na permanência das pessoas com TEA também no ensino médio é marcada por despreparo dos professores e profissionais do núcleo de apoio à inclusão, dificuldade na comunicação com os colegas, sobrecargas sensoriais e comportamentos inadequados. Não foi encontrado nenhum estudo que investigasse a percepção dos jovens com TEA acerca do seu futuro após a finalização do ensino médio, buscando-se assim, ouvir deles próprios o que projetam ou não para suas vidas, ou seja suas perspectivas ocupacionais. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo compreender se há e quais são as perspectivas ocupacionais de jovens brasileiros com TEA concluintes ou que concluíram recentemente o ensino médio.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, transversal e qualitativo que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG - parecer 5.715.563 e CAAE 61188622.4.0000.5149).

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

Participantes

Os critérios de inclusão do estudo foram jovens com diagnóstico de TEA, com idade entre quinze e vinte e quatro anos - faixa etária considerada como juventude pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2007) -, que estivessem cursando o segundo e terceiro ano do ensino médio ou que concluíssem o ensino médio até um ano; a princípio, residentes em Belo Horizonte e Região Metropolitana/ Minas Gerais/ Brasil. No entanto, em decorrência das dificuldades de acesso e adesão dos jovens ao estudo, houve ampliação dos locais de coleta para outras cidades. Os critérios de exclusão foram possuir déficit cognitivo moderado a grave e comunicação não verbal que dificultasse ou impossibilitasse a participação nas entrevistas.

A divulgação da pesquisa se deu por meio de post nas redes sociais Instagram, WhatsApp, LinkedIn, Pastorais da Pessoa com Deficiência, escolas municipais, estaduais, federais e e-mails de profissionais, instituições de todo o Brasil que prestam atendimento aos jovens com TEA e contatos das próprias pesquisadoras. Inicialmente dez jovens manifestaram interesse em participar da pesquisa. No entanto, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, cinco jovens participaram do estudo. Destes, três participantes tiveram conhecimento do estudo por meio de divulgação em escolas estaduais e redes sociais e dois foram por indicação de terapeutas ocupacionais e professores conhecidos de uma das pesquisadoras.

Procedimentos e Instrumentos

Os participantes maiores de dezoito anos que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes com idade inferior a dezoito anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os seus responsáveis legais assinaram o TCLE. Durante as entrevistas não houve interrupções. Os participantes foram acolhidos e orientados sobre a possibilidade de pausar a entrevista em caso de desconforto, porém durante o processo não houve registro de incidente.

Para a realização da pesquisa foi elaborado um roteiro semiestruturado para entrevistas com os participantes. O roteiro abordou questões relacionadas a identidade de

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

gênero, idade, natureza da instituição em que realizaram ou estavam cursando o ensino médio (estadual, municipal, privada e federal), se fizeram e/ou fazem acompanhamento com algum profissional, percurso escolar e sobre diferentes dimensões de perspectivas ocupacionais (trabalho, curso superior, outros cursos, vida afetiva, experiências não institucionalizadas).

Inicialmente, a proposta de realização das entrevistas foi presencial, mas devido à dificuldade de seleção dos participantes e conseqüentemente, a necessidade de ampliar a localização das residências, juntamente com a preferência unânime deles pela entrevista em formato virtual, passou-se para o formato online, por meio da Plataforma Google Meet®, com agendamento de acordo com a disponibilidade dos/das participantes. As entrevistas duraram em média vinte minutos e foram realizadas pela primeira autora, terapeuta ocupacional, mestre em Estudos da Ocupação/UFMG.

As pesquisas tiveram seus áudios gravados, com o consentimento dos participantes, e foram transcritos pela primeira autora. Concomitante às gravações, a primeira autora também realizou registro em diário de campo, na qual constou anotações importantes sobre postura dos participantes, alterações das feições e anotações importantes sobre a condução das entrevistas.

A caracterização socioeconômica/demográfica dos jovens foi realizada por meio dos critérios de Classificação Econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021). Considerando tais critérios, a pessoa recebe pontuação à medida em que há presença das variáveis (como número de banheiro, automóveis, dentre outros), grau de instrução do chefe da família e serviços públicos (água encanada e rua pavimentada). Após marcadas as pontuações em cada tópico, é realizada a somatória classificada de acordo com os cortes descritos nos critérios, sendo eles: 1-A (45-100), 2 B1 (38-44), 3-B2 (29-37), 4-C1 (23-28), 5-C2 (17-22) e 6-DE (0-16). Quanto maior a pontuação, maior a condição socioeconômica da família do participante. Devido às dificuldades de acesso a esses jovens, não foi possível selecioná-los por nível socioeconômico, sendo então considerados para a pesquisa todos os cinco jovens que se enquadraram nos critérios de inclusão e que aceitaram participar do estudo. Os

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

participantes receberam nomes fictícios para manter o sigilo e a proteção dos dados e dos relatos feitos na entrevista.

Análise dos Dados

Os dados produzidos a partir das entrevistas foram analisados por meio de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é o estudo da comunicação e categorização de semelhanças e diferenças percebidas no processo investigativo, analisadas com as literaturas existentes (Bardin, 2022; Ulla *et al.*, 2017). Essa análise possibilita uma melhor compreensão dos significados atribuídos por um indivíduo a situações do seu cotidiano (Minayo, 2014). A realização da análise das informações coletadas nas entrevistas foi feita por meio de seleção e agrupamento de informações que se fizeram presentes nas entrevistas, permitindo a identificação das categorias analíticas apresentadas na seção dos resultados.

RESULTADOS

Descrição dos/das participantes

O perfil dos participantes do estudo encontra-se na Tabela 1. Todos os participantes têm algum tipo de acompanhamento profissional, ressaltando-se ainda que o nível socioeconômico das famílias se enquadra em classe média brasileira; sobre as comorbidades, três relatam possuir alguma e dois não relatam a presença delas.

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

Tabela 1 - Perfil dos Participantes

PARTICIPANTE	IDADE	CIDADE	CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA	IDADE EM QUE RECEBEU O DIAGNÓSTICO	ESCOLARIDADE	COMORBIDADE	ACOMPANHAMENTO PROFISSIONAL	MÃE PARTICIPOU DA ENTREVISTA
Patrícia	16	Timóteo/MG	C1	13 anos	Curso Técnico em Química no Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica.	Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)	Psicóloga e fisioterapeuta	Sim
Matheus	17	São Paulo/SP	C1	13 anos	Terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Albino César.	Ansiedade	Psicóloga e psicopedagoga	Sim
Bruno	16	Governador Valadares/MG	B1	Diagnóstico feito com 3 anos e meio, mas soube aos 11 anos.	Segundo ano na Escola Estadual Paulo Freire.	Sem relatos	Sociopsicomotricista e psiquiatra. Já fez acompanhamento com fonoaudióloga e terapeuta ocupacional	Sim, até que o participante se sentisse confortável
Amanda	18	Araçuaí/MG	B1	3 anos e meio.	Cursando Engenharia no Instituto Federal de Educação e Ciência Tecnologia do Norte de Minas Gerais.	Sem relatos	Professores de apoio	Sim, durante a realização da ABEP
Carlos	18	Timóteo/MG	B2	Diagnóstico feito aos 5 anos, mas soube aos 12 anos.	Cursou o Ensino Médio na Escola Estadual Paulino Cota Pacheco, trabalha em uma lanchonete de franquia.	Ansiedade e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.	Psiquiatra. Fez acompanhamento com psicólogo por 9 anos.	Não

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

A partir do processo de seleção dos participantes e da leitura exaustiva do material seguida da análise das entrevistas, emergiram três categorias centrais: (1) Dificuldades no processo de seleção dos participantes e na implementação de procedimentos e instrumentação do estudo; (2) Centralidade do estudo e trabalho como perspectivas ocupacionais; 3) Adiamento de entrada nas relações amorosas.

A definição metodológica revelando as limitações da condição de saúde: dificuldades no processo de seleção dos participantes e na implementação de procedimentos e instrumentação do estudo

O processo de seleção dos participantes e a implementação dos procedimentos e instrumentação tornaram-se uma categoria analítica deste estudo, dado que revelaram elementos que permitiram avançarmos na compreensão das repercussões do TEA no cotidiano dos jovens, bem como avaliarmos as limitações das definições metodológicas das pesquisas com esses jovens.

Este processo envolveu um longo período de tempo, estendendo-se o período de divulgação. A princípio, foi feita a divulgação de um post, contendo informações sobre as informações da pesquisa e um convite aos jovens que estivessem nos dois últimos anos do ensino médio ou que o concluíssem até um ano, residentes do município de Belo Horizonte e região metropolitana. Os posts foram divulgados nas mídias sociais, como Instagram, LinkedIn e WhatsApp, bem como foram disparados e-mails para instituições das regiões que realizam atendimentos para jovens com TEA. Devido ao baixo retorno de pessoas dispostas a participarem da pesquisa, ampliou-se a divulgação a nível nacional. Para essa divulgação, além das mídias mencionadas acima, também foram disparados e-mails para instituições brasileiras que realizam atendimentos a jovens com TEA, divulgando-se também em grupos de categorias profissionais de contato de uma das pesquisadoras (terapia ocupacional e educadores da região do Vale do Aço).

Do primeiro contato com o participante até o ingresso formal na pesquisa passaram-se, em média, quarenta e cinco dias, nos quais os participantes se mostraram inseguros, afastando-se por dias, até se sentirem mais confiantes para aceitarem participar da pesquisa.

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Nas cinco entrevistas houve a presença da mãe, por solicitação dos participantes e de algumas mães, como condição para aceitação da participação na entrevista, para ganho de confiança, ou para contribuir na resposta de algumas perguntas que não sabiam respondê-las.

Para Matheus, Patrícia e Bruno, o aceite da participação na pesquisa estava condicionado à presença das mães durante a realização das entrevistas. No caso de Matheus, a mãe foi mediadora entre o jovem e a pesquisadora no início do contato e possibilitou maior segurança para o filho na realização da entrevista. Ela o interrompeu durante a aplicação do questionário ABEP, refazendo e explicando-lhe algumas perguntas.

Tem geladeira na sua casa? (pesquisadora).

Não (Matheus).

A mãe interrompe e questiona Matheus se não tem geladeira na casa.

Patrícia só aceitou participar da entrevista com a presença da mãe e pediu para que ela respondesse a ABEP; nos demais momentos da entrevista, a mãe se manteve calada, permitindo que a participante respondesse as perguntas sem interferência.

Bruno solicitou que a mãe participasse da entrevista para que se sentisse mais seguro, porém ao entrar em questões sobre as perspectivas ocupacionais solicitou a saída dela do seu quarto.

Eu.....to pensando.....mãe eu sei que você precisa sair, pode sair (Bruno);

Ele quer que eu saia, vou deixar então. Tá bom?(mãe).

Na entrevista com Carlos, a mãe foi acionada para esclarecimentos do próprio participante acerca da idade em que recebeu o diagnóstico:

Ô mãe, que idade eu recebi o diagnóstico? Foi aos cinco? (Carlos).

Unhum (mãe).

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

No momento em que o participante solicitou ajuda à mãe, esse se retirou de seu quarto, foi ao encontro dela, esclareceu as suas dúvidas e retornou sozinho para a entrevista.

Na entrevista com Amanda houve várias interrupções durante a aplicação do questionário da ABEP para retirar dúvidas com a mãe, até que, finalmente, essa aparece em seu quarto para ajudá-la responder:

Algumas coisas eu pergunto à minha mãe porque eu não sei como responder.
(Amanda)

Em diversos momentos, a mãe direcionou a pergunta para que a Amanda respondesse:

Tem, Amanda? (mãe da Amanda).

Após o término do questionário da ABEP, a mãe se retira do quarto da participante. Ao se deparar com as perguntas sobre o diagnóstico, Amanda retorna à mãe, realiza as perguntas e volta sozinha ao quarto.

Ixiii, eu vou, eu posso perguntar à minha mãe, um minuto éh. (Amanda).

A mudança de entrevista presencial para o formato virtual foi também sugerida pelos jovens e foi atrativo para eles aceitarem participar da pesquisa. Dessa forma, observa-se que para o acesso, ingresso e permanência dos participantes no estudo impôs-se redefinições de formas de seleção, de procedimentos e instrumentação a serem adotados no estudo.

A centralidade do estudo e trabalho como perspectivas ocupacionais

Dos cinco participantes da pesquisa, quatro relataram dificuldades de socialização com colegas e professores, de acompanhar o conteúdo das matérias lecionadas e com a didática do professor durante o ensino médio. No entanto, todos eles demonstraram interesse na continuação dos estudos no ensino superior. Observam-se dúvidas em relação às áreas e cursos que desejam seguir. Patrícia, ao ser perguntada sobre o que pensou em fazer quando finalizasse o ensino médio, respondeu que deseja cursar Medicina.

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Matheus apresentou dúvidas a respeito dos seus desejos de ingresso na faculdade, respondendo da seguinte forma:

Sim, penso em fazer faculdade. Biologia. Biologia ou Zoologia ou Design de Personagens e Animação. (Matheus)

Amanda, que já finalizou o Ensino Médio, respondeu:

ECT, éhh no caminho da Engenharia Civil. É, é muito difícil, mas a minha mãe acha que eu sou boa em Medicina. Éh, eu tô com vontade de fazer Medicina porque eu sou, beem, eu acho que eu sou boa em cuidar das pessoas. (Amanda)

Ainda nessa entrevista, observa-se um atravessamento da mãe no momento da escolha do curso que a participante deseja cursar. Amanda relata que a mãe acha melhor que ela faça medicina e que não troque de escolha de curso até que o ingresso na faculdade esteja definido.

A definição pelo estudo como perspectiva ocupacional não necessariamente exclui o trabalho e vice-versa. A inserção no trabalho, seja como projeção ou como realidade já vivenciada pelos participantes, aparece nas entrevistas de Carlos e Bruno. Carlos já finalizou o Ensino Médio e atualmente se encontra em um trabalho remunerado. Atua em uma lanchonete de franquia, porém relata dificuldade em se manter em seu trabalho devido a necessidade de interação com as pessoas e o cheiro de bacon que lhe causa desconforto, desejando, assim, sair do emprego. Durante a entrevista, Carlos relatou que deseja também fazer faculdade (curso de Biologia) e demonstrou algumas dificuldades que prevê para a realização desse plano.

Tipo, mas, o que tá mais alcançável, seria fazer faculdade, mas, éeeh, tem que ver por que eu tenho que fazer Enem e tem matemática e eu não aprendo matemática desde o sexto ano, eu não sei como eu passei no sexto ano. (Carlos)

Bruno também demonstra interesse em trabalhar enquanto cursa a faculdade:

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Sim, com certeza, aí não fico a toa em casa. Aí eu..tipo assim...eu trabalho de manhã...é, eu tô pensando, de noite. Nossa incrível, eu já tenho até planejamento JESUS!...Eu tô querendo fazer ..tô tentando ver se eu faço é Engenharia, Arquitetura ou Educação Física. (Bruno)

Bruno relata o desejo de trabalhar, porém após o Ensino Médio, enquanto estiver cursando a faculdade. Durante a entrevista, o participante diz:

Euuu...eu tô pensando em ...fazer,,,trabalhar...em caixa de supermercado pra juntar dinheiro, alguma coisa assim, ou então trabalhar em é...vendendo passagem. É porque os meus amigos estão trabalhando sabe? Aí eu vejo que é bacana, um emprego de minoria...um emprego de iniciante, alguma coisa. (Bruno)

Quando perguntado se estava procurando emprego, esse respondeu:

Não, eu já falava com a minha mãe, mas era da boca pra fora sabe? Eu falava tipo assim...é.. Ah, vou querer trabalhar, IH Bruno, você não vai poder viajar com a gente não. (mãe do Bruno)

Na entrevista com Bruno, observa-se o atravessamento materno na definição se o jovem deve ou não trabalhar durante o Ensino Médio, prevalecendo assim a definição da mãe de que Bruno irá trabalhar após a conclusão do Ensino Médio e início dos estudos na faculdade.

Patrícia, Matheus e Amanda relataram que desejam inserção no trabalho após a conclusão da profissionalização no ensino superior.

O DESCONFORTO E O ADIAMENTO DE ENTRADA NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Ao serem perguntados sobre relacionamentos amorosos, os/as participantes se mostraram desconfortáveis, e em muitos momentos com falas pausadas, demonstrando pensativos sobre as perguntas.

Nenhum deles estava ou teve um relacionamento até o momento da entrevista. Todos relatam dificuldades no relacionamento social.

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Eu não sei, para falar a verdade, é uma parte tão difícil para mim, entendeu?
(Patrícia)

Siiiiim, tenho, só que aí eu tenho que começar a namorar e tudo mais, só
que eu não fiz nada para isso, mas eu éhh, eu as vezes penso em ser pai.
(Matheus)

Quando perguntado ao Matheus, se esse tem o costume de sair, o jovem
respondeu:

Não, mas, eu só saio quando preciso e não quando quero. (Matheus)

Especificamente sobre a perspectiva de relacionamentos amorosos responderam:

Sim. Eu até percebo que tem uma garota lá na escola que me trata de um
jeito diferente, sabe? Mas eu não posso chegar muito na confusão não,
porque senão eu posso acabar tropeçando, no sentido assim, aí a pessoa pode
acabar não querendo mais conversar comigo...me achar grosso, ou ia falar
uma coisa e ficar muito assustado. (Bruno)

Neeem, eu ainda não dou conta. Éh, mas quando eu chegar numa idade
suficiente, quando eu chegar nos 19, 20 anos. Já Carlos respondeu “Assim,
casar talvez, mas ter filhos não. (Amanda)

DISCUSSÃO

As dificuldades de acesso aos participantes e de iniciar as entrevistas relacionam-se com as dificuldades principais decorrentes do diagnóstico de TEA: estabelecer relações ante o desconhecido, posicionar-se de forma mais livre na relação com o outro, mesmo havendo, no caso deste estudo, um roteiro de entrevista semiestruturado que guiasse a interação entre pesquisadora e entrevistado/a. Para analisarmos o número reduzido de participantes da pesquisa e as dificuldades de acesso a eles, deve-se considerar o número de pessoas com TEA que estão inseridas no ensino médio.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023) divulgou o resultado do Censo Escolar da Educação Básica/2022 com pessoas com

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

transtorno global do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, mostrando que no ano de 2022, 204.233 pessoas com deficiência, altas habilidades/superdotação foram matriculadas no ensino médio. Os dados computados pelo INEP englobam várias categorias de deficiência, dificultando a análise de forma específica do contexto de jovens com TEA. Porém, Rosa, Matsukura e Squassoni (2019) entrevistaram sessenta e sete familiares e/ou cuidadores de pessoas com TEA acerca da escolarização desse público. Os resultados apontam que apenas 27,12% estavam inseridos em escolas regulares de ensino, sendo que a maioria concluiu apenas o ensino infantil e do total de sessenta e sete participantes, apenas treze chegaram ao ensino superior.

Lima e La Plane (2016) analisaram a trajetória escolar de pessoas com TEA do município de Atibaia (SP) entre os anos de 2009 e 2012. Eles identificaram alta evasão escolar desse público nas séries finais do ensino básico, apontando dificuldades na escolarização como baixo apoio educacional e insegurança dos pais diante de mudanças nas etapas escolares dos filhos. Talarico e Silva (2016) realizaram a mesma análise no município de Campinas e também identificaram trajetórias educacionais incompletas, evidenciando uma dificuldade dos jovens com TEA em se manterem no processo de escolarização. Santos e Elias (2018) confirmaram, em estudo documental, a alta taxa de evasão escolar nas séries finais do ensino básico. Chiote (2017) constatou que o nível de compreensão e o avanço no ensino médio pelos alunos da rede estadual do Espírito Santo depende diretamente do conhecimento absorvido por este indivíduo em sua trajetória no ensino fundamental, seja de cunho cultural e dos próprios conhecimentos escolares. Diante disso, entende-se que a dificuldade de acesso ao público deste estudo pode estar associada ao reduzido número de estudantes com TEA que estão inseridos nas séries finais do ensino médio, devido à alta taxa de evasão nos anos escolares anteriores.

Os estudantes com TEA, que alcançam o ensino médio, demandam menores níveis de suporte, se encaixando nos níveis 1 (exige apoio) e 2 (exige apoio substancial). Ou seja, os jovens com TEA com demanda de suporte nível 3 (exige apoio muito substancial) não alcançam o ensino médio. Lemos e Salomão (2022) estudaram as vivências das pessoas com TEA, de suas mães e de seus irmãos. Participaram 12 mães, 15 irmãos e apenas 2 pessoas com TEA com nível de suporte 1. O número reduzido de

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

participantes com TEA deve-se ao restrito número de pessoas com essa condição de saúde que apresentassem linguagem verbal e boa compreensão das perguntas realizadas pelos autores.

Levy e Perry (2011) acrescentam que os desfechos de evolução do prognóstico social na vida adulta da pessoa com TEA dependem do nível de necessidade de suporte, das habilidades cognitivas, linguagem, comorbidades e se a pessoa faz alguma terapia ou se está inserida em serviços de atendimentos especializados. Assim, os estudantes que não têm preservadas essas habilidades e diferentes níveis de suporte têm muitas dificuldades para chegarem ao ensino médio e superior.

A presença das mães nas entrevistas foi um ponto marcante observado neste estudo, seja no momento de abordagem para participação na pesquisa, seja como mediadora das conversas entre os/as participantes e a pesquisadora, ou como suporte para esclarecer dúvidas e propiciar segurança para seus filhos/filhas durante as entrevistas. Nunes (2021) aponta que as crianças e adolescentes veem os seus cuidadores como uma base de segurança, na qual se sentem inseguros para explorar o mundo sem a presença deles. A ausência de seus cuidadores pode gerar um sentimento de ameaça para esses jovens, fazendo com que busquem uma nova figura de apoio (Nunes, 2021). Os jovens com TEA também estão acostumados a terem a presença de cuidadores em longos processos de acompanhamento terapêutico e escolar, o que pode gerar maior desconforto em serem os próprios respondentes.

Ressalta-se também a presença da mãe como a figura de suporte, reafirmando o entrelaçamento de gênero e cuidado, no qual cabe às mulheres a função de cuidar de filhos e sobretudo, de acompanhamento específico do cotidiano de pessoas com deficiências ou outras condições de saúde (Lemos, Salomão, 2022).

Ainda na perspectiva relacional, ao serem abordados sobre os relacionamentos amorosos, os/as participantes mostraram dificuldade em lidar com pares, evidenciando suas limitações nas interações sociais, típicas desta condição de saúde. Eles/elas demonstraram insegurança e consideraram não estarem prontos para iniciarem um relacionamento, nem mesmo para sair para conhecer alguém. O contato com o outro pode

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

gerar desconfortos em não saber o que fazer, como agir, aonde ir para buscar um parceiro/a, levando às dificuldades na tomada de decisões, podendo apresentar comportamentos e interesses restritos, desregulação emocional, além do desconforto sensorial (Malerba, 2020, Mello, 2019). Mello (2019) acrescenta que a dificuldade em lidar com as próprias emoções muitas vezes leva a pessoa com TEA a não desejar um relacionamento amoroso e evitar laços mais sólidos.

Mello (2019) analisou quatro autobiografias de autores com TEA sobre as relações com seus pares e com a sexualidade. A autora identificou que houve um suporte no processo de tratamento das pessoas com TEA por parte dos familiares e respeito dos pais mediante as diferenças entre os seus filhos, o que permitiu que essas pessoas atribuíssem significados diferentes à sua sexualidade, ressignificando a relação sexual e preferências pelo prazer.

Malerba (2020) e Saad, Bastos e Souza (2020) apontam que os familiares, pais e cuidadores da pessoa com TEA apresentam uma fala que não condiz com a realidade acerca das vontades e desejos desses jovens. Saad, Bastos e Souza (2020) relatam uma negação da realidade e infantilização por parte dos pais sobre o interesse dos filhos em um relacionamento amoroso. No entanto, Strunz (2016) mostrou que há muitas pessoas com TEA que relatam vontade de ingressar em um relacionamento amoroso.

A maioria dos estudos relacionados ao TEA são voltados ao público infantil, com intervenções clínicas multiprofissionais individualizadas com foco nos componentes sensoriais e cognitivos, na independência e autonomia (Leopoldino, 2015; Cardoso, 2023; Eloi, 2019; Montenegro, 2024). As habilidades sociais tão fundamentais para o convívio em diferentes contextos, grupos e pares recebem menor atenção nessas intervenções. Dessa forma, essas habilidades, pouco desenvolvidas nas pessoas com TEA, afetam tanto o relacionamento familiar quanto o relacionamento afetivo entre pares (Saad, Bastos, Souza, 2020).

Já em relação às perspectivas ocupacionais voltadas aos estudos, os cinco participantes da pesquisa relataram interesse de ingresso no ensino superior após a conclusão do Ensino Médio. Quatro participantes relataram dificuldades no ensino

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

básico, seja por socialização ou compreensão das matérias explicadas em sala de aula; porém, mesmo assim, todos estavam em fase de conclusão ou já haviam concluído o ensino médio. Silva, Pelissari e Steimbach (2013) afirmam que a relação que o jovem estabelece com a escola influencia o desejo do indivíduo de continuar com os estudos.

Os participantes da pesquisa apontaram, em diversos momentos, os atravessamentos familiares, tanto na escolha de se inserir em um ambiente de trabalho quanto na escolha do que cursar no ensino superior. Teixeira e Castro (2023) identificaram, em estudo realizado com egressos com TEA do ensino superior da cidade de Porto Velho, que a escolha do que cursar no ensino superior apresenta grande influência da família. Asbarh (2011) acrescenta que as relações de afetividade também podem influenciar nas escolhas profissionais de um jovem.

Santos (2005) aponta que:

Muitos fatores influem na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, a família e os pares. (Santos, p. 58, 2005)

Sabe-se que a fase de transição da adolescência para a vida adulta é marcada por incertezas e dúvidas (Almeida, Pinho, 2008; Oliveira, Pinto, Souza, 2003). Essas dúvidas também existem para os jovens com TEA. As ocupações são influenciadas pelo meio em que a pessoa está inserida, ou seja, sofre influência familiar, escolar e da comunidade. As escolhas ocupacionais são realizadas por meio das vivências, histórias, cultura e valores presentes em cada indivíduo (AOTA, 2020; Costa *et al.*, 2017; Martins *et al.*, 2003). Para as pessoas com deficiência, as suas escolhas são também moldadas pelas inabilidades e alterações funcionais de suas próprias condições de saúde (Stein, M.; Stein, P., 2006).

Hammel (2020) identifica que as escolhas das pessoas estão pautadas em seus repertórios sociais, diante do que os diferentes contextos lhes permitem escolher. Assim, as ocupações mencionadas pelos participantes são escolhas de suas vivências, experiências e influências de seus contextos. A dúvida do que cursar, quando cursar e onde cursar é condizente com a fase da juventude, na qual as evidências da literatura apontam que é marcada pelo novo, pela construção de sua identidade e vínculos sociais,

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

(Oliveira, Pinto, Souza, 2003; Almeida, Pinho, 2008; CARAVLHO, VEIGA, 2025). Nessa perspectiva, as dúvidas dos participantes desse estudo quanto a escolha dos cursos é similar aos jovens com desenvolvimento neurotípico, bem como a influência das famílias nesse processo de escolha.

Segundo Almeida (2014), o período de transição da adolescência para a vida adulta é compreendido como o processo de saída da formação do ensino básico à aquisição de um emprego, ou seja, engloba o processo de conclusão do período escolar, o estudo com foco na profissionalização e por fim, a inserção em um ambiente de trabalho. A autora acrescenta que a inserção profissional é um período marcado pela socialização e construção da identidade do indivíduo.

Os participantes do estudo relatam interesse em cursar uma graduação no ensino superior e posteriormente ingressar no mercado de trabalho. Dos cinco participantes, apenas um estava inserido no mercado de trabalho. Silva (2013) mostra em seu estudo que muitas pessoas com deficiência que se inserem precocemente no mercado de trabalho, têm como objetivo aumentar a renda familiar.

Outro ponto a ser considerado quando analisamos os resultados obtidos com as entrevistas é a dificuldade em se manter no mercado de trabalho por questões relacionadas às dificuldades de processamento sensorial, como o caso de Carlos. Talarico, Pereira e Goyos (2019) afirmam que a inserção no mercado de trabalho seja efetiva, é necessária a construção de uma cultura inclusiva e a adequação das empresas de modo que estas estejam preparadas para ofertarem um suporte adequado às pessoas com TEA.

Este estudo reforça a necessidade em avançar na construção de práticas pedagógicas e intervenções clínicas que acompanhem as demandas dos jovens com TEA ao longo da juventude e na transição para a vida adulta, considerando as particularidades que atravessam suas experiências educativas, sociais e ocupacionais. Do ponto de vista metodológico, os desafios enfrentados na seleção dos participantes e na condução dos procedimentos revelam a necessidade de aprofundar debates sobre estratégias de pesquisa mais acessíveis, flexíveis e sensíveis às condições de saúde desse público. A consolidação de abordagens que minimizem barreiras de participação pode não apenas qualificar

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

futuras investigações, mas também ampliar a visibilidade e a compreensão das trajetórias desses jovens, contribuindo para o aprimoramento das políticas e práticas voltadas à inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a condição de saúde influencia diretamente as escolhas metodológicas, exigindo adaptações às especificidades dos jovens com TEA, como o uso de entrevistas online e a mediação familiar para favorecer a participação. O estudo revelou que, embora esses jovens expressem desejos semelhantes aos de seus pares neurotípicos, como dar continuidade aos estudos e ingressar no mercado de trabalho, enfrentam barreiras significativas de acesso e permanência escolar, bem como desafios nas interações sociais. Assim, destaca-se a necessidade de investimento contínuo em estratégias escolares e clínicas que promovam habilidades sociais e relacionais para além da infância.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. P. C.; RAULI, P. F. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. *Revista Educação Especial*. v. 33, 2020. DOI: 10.5902/1984686X44082

ALMEIDA, M. S. A transição da escola para o mundo do trabalho constituída em objecto de estudo: uma abordagem teórico-metodológica. *Cadernos CEDES*. v. 34, n. 94, p. 385-400, 2014.

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*. v.15, n.2, p.173-184, 2008.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain and process (4th ed.). *American Journal of Occupational Therapy*, 74(Suppl. 2), 7412410010. <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

ARAÚJO, Patrícia Pereira; et al. Avaliação e Ensino de Emoções com Crianças e Jovens Adultos com Autismo ou Síndrome de Down Mediado pela Família. *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 44. p. 1-17. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003258093>

ASBAHR, F. S. F. Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. *Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo, 2011. 220f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24032011-094830/publico/teseFlaviaAsbahr.pdf>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. São Paulo: ABEP, 2021. *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>

AYDOS, V. Agência e subjetivação na gestão de pessoas com deficiência: A inclusão no mercado de trabalho de um jovem diagnosticado com Autismo. *Horizontes Antropológicos*. n.46. p.329-358. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832016000200012>

BALDWIN, S.; COSTLEY, D.; WARREN, A. Employment activities and experiences of adults with high-functioning autism and Asperger's Disorder. *Journal Autism and Developmental Disorders*. 2014.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 5ed, 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico*. Brasília, 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*. 194º da Independência e 127º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*. 191º da Independência e 124º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm

BRASIL. Lei 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *Diário Oficial da União*. 192º da Independência e 125º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria 243, de 15 de abril de 2016. *Diário Oficial da União*. Seção 1. N. 73. Disponível em:

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=40371-port-243-18042016-pdf-1&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes operacionais da Educação Especial para o atendimento educacional especializado na Educação Básica. *Secretaria de Educação Especial* regulamentado pelo Decreto nº 6.571 de 18 de setembro de 2008. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192

BRASIL, Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília. *Ministério da Saúde*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

CARDOSO, Izabella Lambertucci. Efeitos da Terapia de Integração Sensorial de Ayres nas Atividades de Vida Diária e Participação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2023. 82f. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/58019/1/Disserta%20a%20Izabella%20Lambertucci%20Cardoso.pdf>

CARVALHO, Nuno Archer de; VEIGA, Feliciano Henriques. Educação na perspectiva dos direitos humanos: Desenvolvimento psicossocial e envolvimento dos alunos na escola. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 40, n. 122, p. e15638, 2025. DOI: 10.21527/2179-1309.2025.122.15638. Disponível em:
<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/15638>. Acesso em: 10 out. 2025.

CENTER OF DISEASES CONTROL AND PREVENTION. *Autism prevalence higher, according to Data from 11 ADDM Communities*. United States, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media/releases/2023/p0323-autism.html>

CHIOTE, F. A. B. *A escolarização do aluno com autismo no Ensino Médio no contexto das políticas de educação especial no estado do Espírito Santo*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo. 248f. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6851>

COSTA, E. F. *et al.* Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. *Revista Brasileira de Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro. v.1. 650-663p.2017. DOI:10.47222/2526-3544.rbto9687

ELOI, Débora Santana. *et al.* Adaptação transcultural do instrumento Autism Classification System of Functioning: Social Communication (ACSF:SC) para uso no Brasil. *Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional de São Carlos*. v. 27, n. 2. p. 293-301. 2019.

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

FREIRE, J. M. S.; NOGUEIRA, G. S. Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. *Revista Focos Interdisciplinary Studies*. v. 16. n. 3. p. 01-18. 2023. DOI: 10.54751/revista_foco.v16n3-009

GALEGO, Pâmela Suelen; GOYOS, Celso. Treino Remoto Parental para Aplicação do Protocolo de Avaliação do Ecoico a Crianças com Autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*. v. 29. p. 399-418. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702023v29e0185>

GOMES, J. S. Ensino-aprendizagem da criança com TEA e o uso da tecnologia neste processo. *Revista Primeira Evolução*. Edição Livro Alternativo. n.43. p.49-59. 2023.

GRANEHEIM, U. H.; LINDGRENA, B.; LUNDMANA, B. Methodological challenges in qualitative content analysis: A discussion paper. *Nurse Education Today*. v. 56. p. 29-34, 2017.

HAMMEL, K. W. Making choices from the choices we have: The contextual-embeddedness of occupational choice. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. v. 87. n. 5. p. 400-411. 2020. DOI: 10.1177/0008417420965741

LEITE, A. X.; SPOSITO, A. M. P. Análise do Perfil Psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista acompanhadas pela Terapia Ocupacional. *Editora Científica*. p. 66-83. 2024. DOI: 10.37885/231215142

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 38. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38312.pt>

LEOPOLDINO, Cláudio Bezerra. Inclusão de Autistas no Mercado de Trabalho: uma nova questão de pesquisa. *Gestão e Sociedade*. v. 9. n. 22. p. 853-868. 2015.

LEVY, A.; PERRY, A. Outcomes in adolescents and adults with autism: a review of the literature. *Research in Autism Spectrum Disorders*. London, v. 5. n. 4, p. 1271-1282. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rasd.2011.01.023>.

LIMA, S. M.; LAPLANE, A. L. F. Escolarização de alunos com autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*. v. 22, n. 2, p. 269-284. 2016.

MALERBA, V. B. Sexualidade no Transtorno do Espectro Autista: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo. 73f. 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-08022021-192641/publico/Resumida_Victor_de_Barros_Malerba.pdf

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 16. n. 3. p. 555-568, 2003.

PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

MELLO, L. M. L. Autismo e sexualidade. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte. v. 25. n. 3. p. 1263-1273, 2019.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 4. ed. São Paulo. Hucitec Editora, 2014.

MONTENEGRO, Ana Cristina Albuquerque; *et al.* Método de Desenvolvimento das Habilidades de Comunicação no Autismo – DHAC: validação da aparência e do conteúdo. *CoDAS*. v. 36. n. 3. 2024. DOI: 10.1590/2317-1782/20232023138pt

NUNES, S. Gonçalves da Silva. *A Teoria do Apego e suas possíveis contribuições para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pampa. 150f. 2021. Disponível em: [https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/rii/6768/1/ShaianyGon%
c3%a7alvesdaSilvaNunes2021.pdf](https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/rii/6768/1/ShaianyGon%c3%a7alvesdaSilvaNunes2021.pdf)

OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia*. v. 11, n. 1, p. 16–27. 2003.

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*. v.25, n.4, p.729-746, 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Transtorno do Espectro Autista. *Organização Mundial de Saúde*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>

RAST, J.; ROUX, A.; SHATTUCK, P. Use of vocational rehabilitation supports for postsecondary education among transition-age youth on the autism spectrum. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 2019.

ROSA, F. D.; MATSUKURA, T. S.; SQUASSONI, C. E. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. *Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional*. São Carlos, v. 27, n. 2, p. 302-316, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1845>

SAAD, A. P. R.; BASTOS, P. R. H. O.; SOUZA, Geisa Alessandra Cavalcante. Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial. *Revista Educação Especial Santa Maria*. v. 33. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X41858>

SANTOS, L. M. M. O papel das famílias e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*. v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

SANTOS, V.; ELIAS, N. C. Caracterização das matrículas dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo por regiões brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília. v.24. n.4. p. 465-482. 2018.

SEREGEN, L.; FRANÇOZO, M. F. C. As vivências de mães de jovens autistas. *Psicologia em Estudo*. Marília. v.19. n.1. p. 39-46. 2014.

SILVA, M. R.; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, 2013.

SILVA, Alessandra Cabral Meireles. AUTISMO: o acesso ao trabalho como efetivação dos direitos humanos. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Católica de Pernambuco. 203f. 2013. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/509/1/alessandra_cabral_meireles_silva.pdf

STEIN, M. A., STEIN, P. J. S. Beyond disability civil rights. *Hastings Law Journal*. v. 58, p. 1203–1240, 2006.

STRUNZ, S.; et al. Romantic relationships and relationship satisfaction among adults with asperger syndrome and high-functioning autism. *Journal of Clinical Psychology*. v. 0. p. 1–13, 2016.

TALARICO, M. V. T. S.; LAPLANE, A. L. F. Trajetórias escolares de alunos com transtorno do espectro. *Comunicações Piracicaba*. v. 23, n. 3. Número especial. p. 43-56. 2016.

TALARICO, M. V. T. S.; PEREIRA, A. C. S.; GOYOS, A. C. N. A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. *Revista Educação Especial*. v. 32, 2019. DOI: A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica

TEIXEIRA, Kétilla Batista da Silva; CASTRO, Rafael Fonseca. Vivências de pessoas com autismo que concluíram o Ensino Superior: uma investigação em Porto Velho/RO. *Revista Educação Especial Santa Maria*. v. 36. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X70200>

WAISMAN-NITZAN, M.; GAL, E.; SCHREUER, N. “It’s like a ramp for a person in a wheelchair”: Workplace accessibility for employees with autism. *Research in Developmental Disabilities*. v. 114, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *International Classification of Diseases. ICD 11th revision*. Reference Guide. Genebra: OMS, 2022. Disponível em inglês em: <http://id.who.int/icd/entity/437815624>

**PERSPECTIVAS OCUPACIONAIS DE JOVENS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO**

Autor correspondente:

Rafael Coelho Magalhães

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627/ Sala 3106

Campus - Pampulha - Belo Horizonte - MG

CEP: 31270-901

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.



PRE-PROOF